

Mário Pedrosa (acima), Mário Gruber (ao lado) e Mário Schönberg (abaixo) respondem à pergunta:

# O QUE FIZERAM DESTE PAÍS

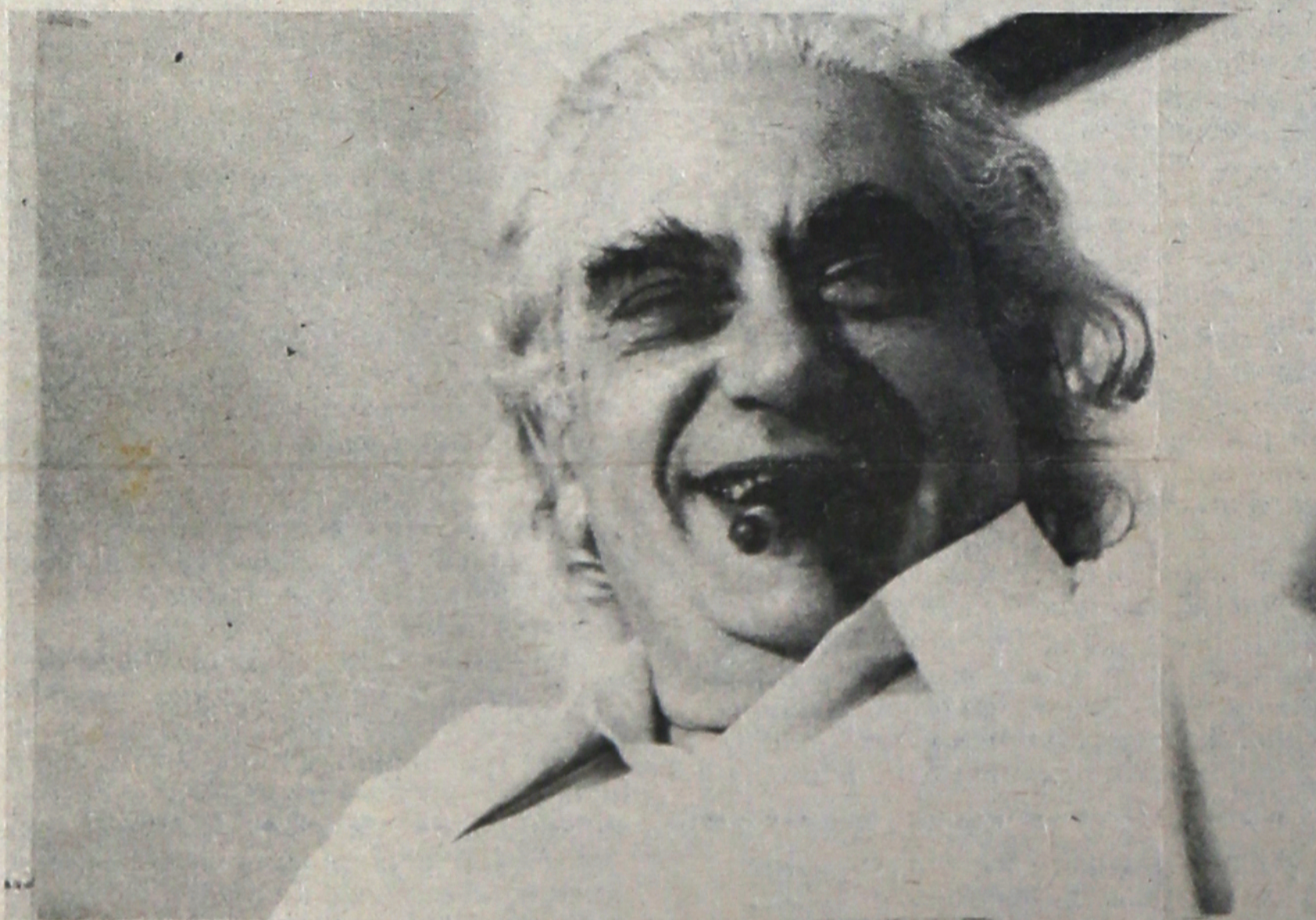
por Wilma Ary

Era sábado, fim de tarde. Os três Mários sentados em uma simples e confortável sala na casa de amigos. A tarde estava preguiçosa e os três Mários falavam pouco, até sobre a preguiça mesmo. Mas logo a conversa se acelera ao constatarem o interesse geral do povo em saber realmente o que se passa no País. A vida nacional entrou sala adentro. Falam Mário Pedrosa — professor, ex-político, intelectual, aposentado, 78 anos —, Mário Gruber, pintor, gravador, artista visual, 50 anos —, Mário Schönberg, físico, ex-professor, aposentado, crítico de arte, 68 anos.

Wilma — Gostaria de fazer uma analogia entre 1945 e 1978 com as experiências variadas, cada um com a sua. Esta situação de eleição, este clima de abertura ou fechamento. Ou o que puder vir a acontecer? E que pode ser uma surpresa para todos nós.

Schönberg — Eu acho que esta situação que agora vivemos é superficialmente parecida com outras do passado, mas eu acho que é só superficialmente. Por exemplo, tem alguma semelhança com a situação de 1945, no sentido que se passou de um regime autoritário para um regime menos autoritário, mas por outro lado é completamente diferente sobre outros aspectos. Este momento, agora, é muito mais confuso do que o momento de 1945. Em 1945, havia a situação internacional que já lançava uma certa clareza sobre a situação. Estava terminando a guerra contra o eixo e, então o Brasil não podia ao mesmo tempo estar combatendo o fascismo e praticando o fascismo. Ao passo que agora, o momento está confuso internacionalmente também, não é que esteja só confuso nacionalmente, é um momento de muita confusão internacional e com uma confusão muito profunda, aliás, né? E, não exatamente pela mesma coisa que está aqui dentro do Brasil. Porque aqui, nós temos um problema de um regime autoritário, né, durante há muito tempo, impedindo a discussão e cometendo erros muito graves etc. de maneira que cria, também, um ambiente brasileiro muito confuso, mas não é a mesma confusão internacional, é uma confusão local, que se junta com a internacional também, de modos que cria um momento assim, bastante diferente de 45.

Gruber — Parece que Schönberg já esclareceu no fundamental, mas descontentando os aspectos históricos, eu gostaria de acrescentar um que seria a vinda de grandes capitais para o Brasil na ilusão de aproveitar a mão-de-obra. No mundo, onde os mercados se reduzem, se compr-



Schönberg: um país muito confuso.

mem pela superprodução das grandes potências essa ilusão da exportação da mercadoria brasileira, encontra uma contradição insolúvel, com a impossibilidade de se voltar para dentro do País, onde a capacidade aquisitiva do povo é muito reduzida, então, cria-se um impasse. Isso que se reflete na política, né?

Wilma — O nível de desemprego está cada dia maior, existe um achatamento salarial e o desemprego continua maciço. E a situação vai se agravando a cada dia que passa. Como é que vamos ficar?

Gruber — É um problema que todo mundo está empenhado em resolver, creio até que o governo atual, né? Porque se não houver soluções nós estamos numa caldeira.

Wilma — O salário hoje, tirando o mínimo, é em média de 4 mil cruzeiros.

Gruber — Pois é, porque na realidade a mercadoria de exportação mais rica que nós temos é a mão-de-obra. Toda a política econômica está voltada para a exportação, onde o elemento mais rico, a mercadoria mais rica, é a mão-de-obra. Como sair dessa eu também não sei. Creio, que a batata quente vai ser passada pra mão de alguém.

Wilma — Vai, então, joga pro Mário Pedrosa.

Gruber — Não, não eu me refiro à batata quente da situação brasileira, em termos de poder.

1978/79  
Talia  
S.P.

Wilma — E o Mário, que você está achando de tudo isso aí?

Pedrosa — Eu acho que há uma diferença grande entre a situação de 45 e a situação atual. Como Mário Schönberg falou, a situação internacional em 45 era mais clara, hoje a situação é mais confusa por toda a parte e mais confusa ainda no Brasil. Acho interessante marcar a diferença entre 45 e hoje. Hoje é 78, não?

Wilma — Essencialmente em 45 havia uma simplicidade econômica e de formação social. Você não acha também?

Pedrosa — E, simplicidade econômica nunca houve né, é sempre complicado, sobretudo em países como o nosso, que está sempre querendo ser qualquer coisa que ele não é. (risos). Agora, em 45 no Brasil, tinha uma situação clara, uma ditadura em fim de safra, uma guerra acabada, com as alianças da época, e vitórias sobre potências do eixo sobre o fascismo. Não continuaram, não puderam manter a unidade com que venceram a guerra.

No Brasil, então, houve uma divisão de forças, porque se a burguesia e grande parte da pequena burguesia conseguiram reunir forças para votar abaixo a ditadura, estas mesmas forças foram inteiramente separadas. A esquerda no Brasil era uma coisa e a pequena burguesia era outra. A pequena burguesia reuniu forças, grandes, contra a ditadura, mas não conseguiu em momento algum chamar a esquerda, sobretudo o movimento operário. Foi o que se viu na candidatura do Eduardo Gomes. No Pacaembu as arquibancadas estavam cheias a es-tourar e as gerais vazias de fazer medo.

Wilma — Na geral deveria estar o povo?

Pedrosa — Na geral, estava o povo que lá não estava! A pequena burguesia e a classe média estava toda lá. Lembro que eu disse ao filho do Armando de Sales Oliveira, que tinha chegado dos Estados Unidos, "o povo não está neste movimento, eu acho que vai fazer falta"; ele disse, "não, mas fique sabendo que toda a elite de São Paulo está presente"; "Não tenho nenhuma dúvida de que toda a elite de São Paulo está presente, mas com a elite vamos perder as eleições rasgadamente".

E a classe operária aqui não se mexeu na luta contra a ditadura. O Partido Comunista saiu com um prestígio formidável, parece que saiu como um touro furioso, arrastando as massas. Houve esta separação muito grande nesse movimento.

Hoje, não na essa polarização, há um movimento muito grande e profundo contra o regime militar dominante. Há uma quase unanimidade em torno da democracia formal; há um movimento operário que começa a surgir com independência, e nós estamos assistindo precisamente

agora esse processo muito grande de luta pela democracia, aprofundada pela situação de crise muito grande e grave. Como Gruber salientou, a miséria, o achatamento salarial, nunca foi maior; nunca o campesinato, as populações do Interior, foram tão afundadas na miséria. Há uma situação muito mais profunda, há uma crise mais profunda do que antes, isto é o que é típico do nosso momento atual: uma ditadura militar enfraquecida, que pode com armas dar outro golpe em teoria, porque tem as armas; mas não sei se vai poder dar um golpe para retomar o poder, eu creio não retoma mais. Isto é um fato muito sério e há perspectivas difíceis para o próximo governo, porque as Forças Armadas que se colocavam uníssonas para o golpe de 64, hoje não se encontram mais essa união, porque hoje todo mundo sabe que há uma divisão nas Forças Armadas.

Eu creio que há essa divisão, eles não conseguem unir as forças porque a chamada linha dura hoje, é outra coisa que era antes, ninguém sabe onde ela está e as críticas que se começam a fazer nos meios militares, são críticas mais profundas, não são mais as críticas de linha dura, são críticas de quem chega a falar em democracia social e, sobretudo, a levar adiante a crítica da vergonhosa distribuição de renda, que hoje já é palavra de ordem, inclusive, de largas forças militares. Nós temos também, ao lado dessas forças militares, a força da Igreja, que é hoje, também, um movimento muito sério, que tem contato com as massas da cidade e as massas camponesas do Interior. Volta-se outra vez a falar em reforma agrária, cada vez mais. Mas as palavras de ordem profunda, que eram sobretudo manipuladas e agitadas pelo PTB e os partidos de esquerda daquela época, hoje elas estão sendo ditas por outros muitos, vêm da Igreja, vêm dos militares, vêm de outros grupos, isto pra mim é a grande diferença entre antes e hoje.

Wilma — Você acredita que essas mesmas áreas que antes era contra a reforma agrária, irão por este caminho, mesmo tendo contra si as multinacionais?

Schöenberg — Esta pergunta realmente é difícil. É uma incógnita que se coloca, precisava de muita informação pra poder falar. O fato é que o problema está se colocando de novo, e eu acho que o ponto mais certo é que este problema da reforma agrária, que tinha sido posto à margem, posto de lado há muito tempo, pelo governo, pelas classes dominantes, agora volta novamente à carga, e o que é interessante, é que volta já levantado, inclusive, por membros desses grupos dominantes. Este é que é o fato novo. Agora, quanto ao desenvolvimento futuro depende de uma série de questões. O que me parece mais claro no confronto do quadro, é o fracasso do modelo de desenvolvimento econômico que nasceu em 64. Em 64, grande parte da burguesia brasileira, dizia que o mundo capitalista estava numa fase de grande desenvolvimento, e que aqui o Brasil não estava aproveitando porque tinha um governo com posição nacionalista, porque não queria dar maiores facilidades a multinacionais e não queria aceitar em regras do jogo capitalista internacional. Então, era preciso fazer uma revolução (chamaram revolução mas na verdade não era nenhuma revolução) seria mais um movimento reacionário, num certo sentido), para criar uma espécie de governo que sintonizasse o Brasil com essas grandes forças econômicas internacionais, as multinacionais, o fundo monetário internacional etc. E, isso foi feito, então foi elaborado todo um plano de desenvolvimento econômico, em que as multinacionais funcionavam como um motor. As multinacionais dirigiam as indústrias de ponta e essas indústrias de ponta, seriam o motor do desenvolvimento econômico no Brasil. Agora está bastante claro e começou a ficar claro em 73, que este sistema econômico não estava funcionando, porque os problemas do Brasil se agravaram muito mais, não só as condições de vida do povo está muito má, como já foi mencionado pelo Pedrosa e pelo Gruber, mas também há dificuldades de outros tipos: uma dívida externa enorme que foi acumulada, um desequilíbrio enorme na balança de pagamentos, uma falta de recursos energéticos. Então, uma série de coisas que complicaram mais o problema, né? O que está perfeitamente claro, agora, é o fracasso total e completo de um esquema econômico de 64. Isso, naturalmente se repetiu no campo político tam-

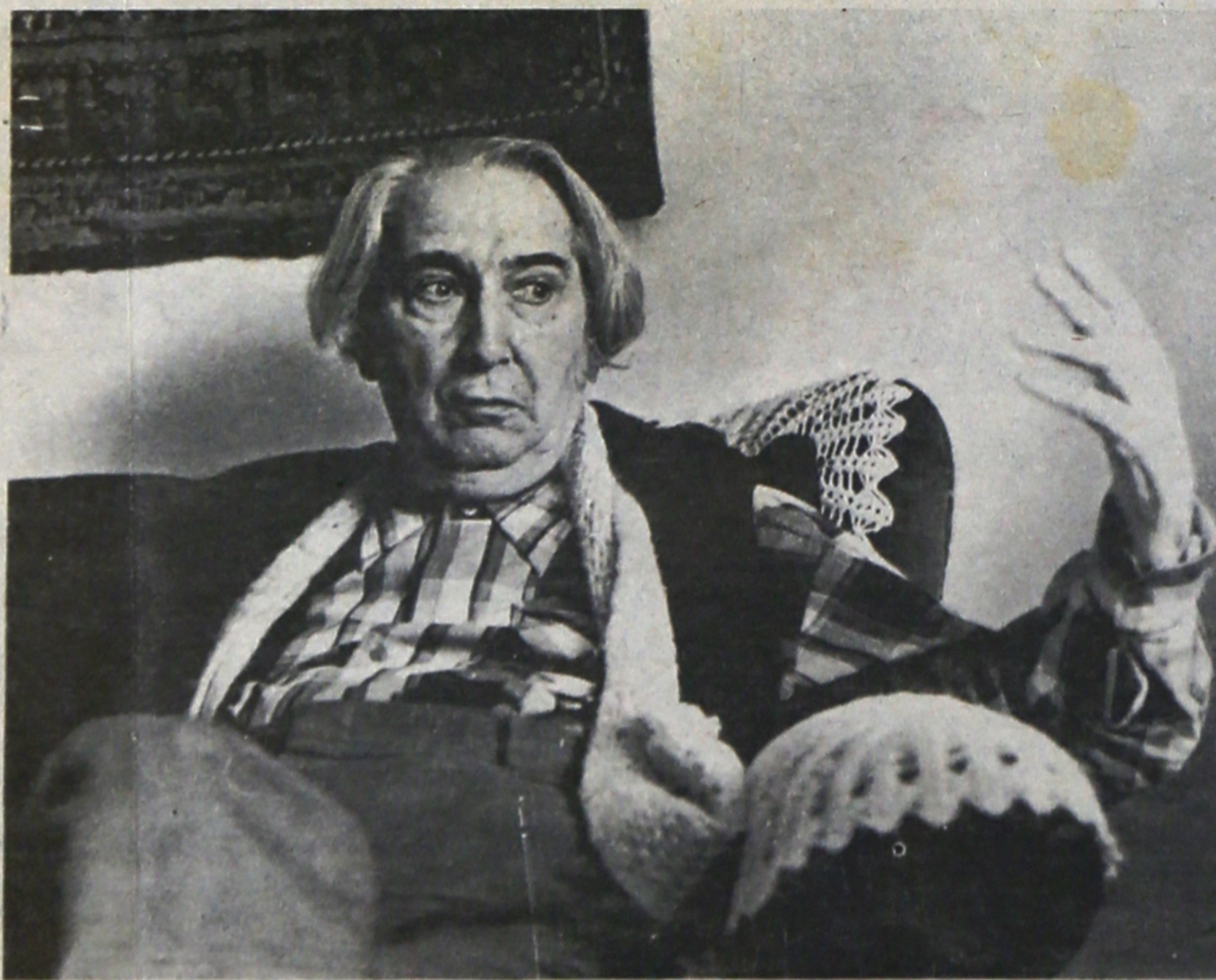


Foto de Cláudio Khans

Pedrosa: uma democracia plena não sei se nós vamos ver.

bém, quer dizer, a revolução foi feita pra isso, a revolução foi feita pra criar esse esquema de desenvolvimento econômico, como esse esquema de desenvolvimento fracassou, agora então, é preciso de uma mudança, uma reargumentação radical, num outro sentido. Tudo isso se agrava pelo fato de que essa dificuldade econômica do Brasil, se relaciona também com as do mundo, que está atravessando a primeira grande crise do capitalismo depois da 2ª Guerra Mundial. Então, isto torna mais grave a situação, não é? Eu acho que isso é o que eu posso dizer do quadro da situação atual. Agora qual vai ser o desenvolvimento dinâmico, disso, ainda não está claro. Evidentemente, as massas já começaram a entrar em luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho, pelo menos os trabalhadores industriais. No campo, me parece que o movimento está mais principiante, mas também, muitos setores da classe média estão se movimentando.

E o que é importante, é que dentro das próprias Forças Armadas, começa a haver uma série de dúvidas grandes. Em 64 parecia tudo claro, era aceitar as regras do jogo econômico internacional, era deixar as multinacionais penetrarem livremente aqui no País e o Brasil iria então de vento em popa pro grande progresso econômico. Agora, ninguém mais está acreditando nisso, não é. Todos acham que é preciso fazer alguma coisa, de novo, de bem diferente, se bem que nem todos tenham a mesma opinião. E o que estou percebendo.

Gruber — Hoje nos temos comunicação via satélite, onde tudo é permissível. Estes meios de comunicação também forneceram modelos alienígenos, estranhos a nossa cultura. Nos dias que correm é muito difícil dizer o que é natural e o que não é, o que é autêntico e o que não é, por causa da intercomunicação. Mas na realidade, desempenha um papel de tesitura política de primeira grandeza. Se você não sabe o que você almeja como meio de vida, com os seus próprios valores culturais você os encontra maciçamente pelos canais de comunicação, e isto eu acho que não existia em 45.

Wilma — O que você acha do modelo colonizador que chega até nós?

Pedrosa — O que vem pra cá, que se transmite não tem nada que ver com o Brasil com as nações em desenvolvimento e subdesenvolvidas. Isso é claro e lógico. Que possa haver um movimento para contrabalançar essa situação e criar um modelo que seja dominante, é luta permanente que se vai agravando à medida que a situação política vai de uma certa maneira abrindo perspectivas para uma participação popular maior. "O movimento ideológico que vai crescendo tem necessidade de ganhar todos os setores de contestação. Eu creio, que as forças digamos multinacionais, forças conservadoras, não são só as multinacionais e companhia. Estão pelejando e vão lutar ainda mais para se criar uma espécie de novo reformismo. Eles têm medo da desagregação, têm medo da perspectiva de desencantamento cada vez maior, pelo que nós chamamos

de capitalismo. O que aqui a burguesia brasileira está sofrendo e sentindo, é o perigo que essa luta pela redemocratização do País, pelas liberdades democráticas, cresça, que o movimento anticapitalista cresça muito mais. Isto, desde hoje, desde já, é um movimento muito profundo em toda parte, para que movimento anticapitalista, não progrida. E então poder para fazer o quê? Para fazer um capitalismo à americana neste País. Isto prova que eles estão muito mais errados do que os meninos, jovens radicais que se meteram a fazer pela guerra revolucionária, pela guerra dos sentidos, movimentos armados para implantar o comunismo e o socialismo neste País.

Isso é hoje uma situação cada vez mais clara. E mostra que na direção do Estado, nas forças multinacionais, nas forças empresariais, há uma preocupação constante de impedir que na luta pela democracia, pela redemocratização do Brasil, a coisa tome medidas cada vez mais profundas, e que a participação popular acabe sendo um fato, e que os problemas reais da Nação e os problemas reais do povo sejam objeto de luta, de atenção e de preocupações imediatas e generalizadas.

Nas lutas na oposição militar, que está tomando pé, se fala hoje em democracia social, em luta contra a miséria — pública e absoluta — a miséria de 30 milhões de brasileiros. Estas coisas começam a tomar pé. Essa luta começa a ser cada vez mais consciente de Norte a Sul do País. E contra esse movimento que as forças do governo, as forças internacionais conservadoras, estão se arremetendo, para combater e para criar, uma mentalidade de novo — uma mentalidade reformista — que se contente com o que se vinha fazendo até então.

Wilma — Você abordou um tema tão sério que nós todos ficamos quietos. Você vê uma possibilidade de chegarmos a uma democracia plena?

Pedrosa — Uma democracia plena não sei se nós vamos ver. Mas nos vemos a marcha para uma luta realmente por uma democracia social. Porque eu não vejo muito claramente em que se vai impedir o povo em geral de lutar por suas necessidades essenciais. Ao mesmo tempo que o governo abre, tende a ceder às pressões, para um movimento eleitoral, teme criar as eleições reais, procura tomar medidas concretas de repressão. Entre essas forças que lutam por uma espécie de reformismo, está uma parte do MDB, cuja tolice fundamental é uma aliança com o governo.

Wilma — E o sindicalismo?

Schöenberg — Parece que o sindicalismo é um dos fatores mais encorajadores da situação brasileira e, apesar do cerceamento completo de 1964, os trabalhadores demonstraram hoje uma capacidade de organização, de reivindicação inesperada, já conseguiram grandes vitórias e não há dúvida de que é um dos acontecimentos mais importantes dos últimos tempos — o aparecimento em cena da classe operária, organizada e combatente. Então, isto vai ser um fator decisivo de todo o futuro, não devemos ter

qualquer dúvida. Surpreendeu muito a opinião pública em geral, o alto nível de organização que conseguiram atingir e que era desconhecido da maioria da classe média e, talvez, da classe operária, também.

Wilma — O que as classes dominantes esperavam de 64? E dos Estados Unidos?

Schöenberg — As classes dominantes não só esperavam uma ajuda militar, mas também uma ajuda econômica. E agora estão vendo que essa ajuda econômica não vem mesmo. E o que parecia ser não era uma ajuda. Seria um erro separar a situação política nacional da de um desenvolvimento político internacional e da correlação de forças internacionais. E que ela revelou um enfraquecimento do capitalismo, isto está mais do que óbvio. Há uma coisa generalizada ninguém quer mais esse tipo de coisa, porque fracassou economicamente, fracassou politicamente, fracassou socialmente, fracassou em todos os lados possíveis. "O que aconteceu no Brasil nos últimos anos foi que os brasileiros ficaram mal-informados do que acontecia no resto do mundo. E há algumas coisas muito graves: não resta dúvida que estamos num declínio acelerado do capitalismo, mas não só no Brasil como no mundo inteiro. Levando em conta todos os fatores internacionais só podemos estar otimistas, pois as coisas não são iguais a de 64. O desencadeamento dos golpes militares na América Latina coincidiu com a ofensiva norte-americana no Vietnã em 64, foi uma ofensiva generalizada que o imperialismo americano fez em todas as frentes. O Vietnã deveria sair esmagado, deveria ser exemplo mas isso não aconteceu. Saiu vitorioso. Todos os fatos internacionais, suas lutas, só nos podem encorajar.

Pedrosa — O Schöenberg tem razão. Foi em 64 que se deu a reviravolta estratégica. O problema não era mais contra o comunismo vindo de fora — principalmente na América Latina — e sim era fazer a luta contra a insurgência, luta que poderia vir de dentro do País.

Os americanos passaram a fundar escolas de guerra por toda a parte. Então, tentou-se organizar uma força aérea inter-americana para coordenar as forças militares da América Latina, sobre o comando americano, na luta contra o comunismo. Aí foi que se criou a idéia de que a fronteira não é mais territorial, mas ideológica. E esta era a importância da luta contra a insurgência. O perigo era de insurgência dentro do País. Organizaram lá uma espécie de comando militar internacional sobre o qual se exercia vigilância permanente. Todos os países da América Latina passaram a organizar escolas de guerra. Aqui em Itatiaia havia organizações militares onde se exercitava uma imitação de luta revolucionária, os oficiais tinham que passar por dissabores de uma guerra revolucionária, houve até simulacros de crucificação de operários, de soldados e de oficiais, porque a guerra era uma guerra sem quartel e estava espalhada por toda a parte. E isso se organizou aqui no Brasil. E foi o Brasil primeiro aluno dessa nova política estratégica internacional americana, no qual se sobressaiu um general, iminente hoje, Abreu. — Hugo Abreu — que foi um dos lutadores na guerra do Pará. E hoje ele fala nisso e, fala também, que é preciso que o Exército volte ao seu leito natural, que é o quartel, deixando de lado as lutas revolucionárias. O que temos à nossa frente é a crise profunda do Terceiro Mundo, onde a grande maioria da população morre de fome e, não se vê saída para isso. Ninguém crê mais em solução vinda dos Estados Unidos. Isso é muito importante. Eu acho que não devemos ser pessimistas, por mais poderosas que ainda sejam as forças que dominam o nosso País, as forças históricas maiores são contra a política de dominação do Exército, como começou a se impor em 1964, porque a revolução que se pretendia fazer, se desmanchou nesse desmantelo, que hoje nós estamos assistindo.

As contradições estão cada vez maiores entre o general Figueiredo, candidato oficial, que sustenta as formas de governo do general presidente, e a política do general Euler Bentes, em face da demagogia crescente da oposição militar contra o governo que aí está. O governo tem dificuldades cada vez maiores para sustentar ao seu lado uma população que seja suficientemente forte, capaz de suportar por mais anos essa ditadura, que a meu ver esta, atualmente, dando sinais de definhamento.